



a ARCA do TESOURO

Um Pequeno Conto Musical
Alice Vieira • Eurico Carrapatoso

CAMINHO

Livro + CD oferta

A arca do tesouro

texto original de Alice Vieira

que serviu de base para *a obra musical original*

Um Pequeno Conto Musical

de Eurico Carrapatoso

Concerto ao vivo / gravação Orquestra Metropolitana de Lisboa

Luís Miguel Cintra narrador

Cesário Costa direcção musical

ilustrações João Fazenda

design Luís Alegre – Ideias com Peso

© Alice Vieira, Eurico Carrapatoso, Editorial Caminho, Metropolitana, 2010

Um agradecimento à Presidência da República

ISBN: 9789722123730

Reservados todos os direitos

Editorial Caminho, SA

Uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, 2

2610-038 Alfragide – Portugal

www.editorial-caminho.pt

www.leya.com

a ARCA do TESOURO

texto original de Alice Vieira

como é usada em

Um pequeno conto musical
de Eurica Carrapatoso

CAMINHO





De cada vez que acaba a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas, há uma voz que rompe das raízes das árvores adormecidas e entra no coração das pessoas.

Então as pessoas abrem os olhos devagar,

muito
de
va
ga
ri
nho

porque a voz que agora as habita lhes murmura:

— Chegou o tempo de não ter pressa.

E os dias duram muito mais, porque o sol se deixa ficar pendurado no céu durante muito mais tempo, e estende os seus braços e entra na terra

na areia da praia

no cabelo das mães

nos gelados que se derretem nas mãos das crianças

Mas enquanto dura a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas — é tudo muito diferente.

Maria não gosta desse tempo.

Porque então as pessoas ficam com uma voz áspera, suportam mal o cheiro da humidade entranhado nas camisolas e nos casacos

espirram
têm tosse
gritam

respondem torto

têm saudades dos amigos que desapareceram

protestam por **tudo** e por **nada**.

Até a mãe de Maria fica, nesse tempo, igualzinha às outras pessoas — e às vezes diz palavras que magoam.

E não se pode culpar ninguém: é a chuva, o vento, as tardes escuras e as manhãs geladas que as fazem ficar assim.

Com voz e olhos e coração de Inverno.

Nada a fazer.

É nessas alturas que Maria vai buscar a sua caixa de tampa azul.
Azul, cor do céu quando o mau tempo abranda.

Foi a avó que lhe deu essa caixa.

Num dia em que ela tinha chorado a tarde inteira.
Porque na véspera o pai tinha chegado a casa muito tarde e, quando
Maria correra a sentar-se no seu colo, ele dissera, com uma terrível voz
de Inverno

«Já estás muito crescida para colo»

e quase a enxotara como se enxota um gato que nos aborrece.
O gato que Maria está sempre a pedir.
«Era só o que faltava nesta casa...» — resmunga ele.

Então a avó passou-lhe para as mãos uma caixa redonda com uma
tampa azul

(azul, como o céu quando o mau tempo abranda)

e disse-lhe:

«é a tua arca do tesouro»

Maria olhou para dentro da caixa, mas não viu tesouro nenhum. Nem tesouro nem outra coisa qualquer.

Nada de nada.

A caixa estava completamente

vazia ...

— Aqui não há tesouro nenhum... — murmurou ela.

A avó deu uma grande gargalhada.

(A avó nunca tinha voz de Inverno)

— Claro que não! O tesouro és tu que o vais pôr aí dentro!

Maria não estava a entender nada.

Que tesouro?

E onde ia ela agora descobrir um tesouro?

E quanto custava um tesouro?

A mãe estava sempre a dizer que não havia dinheiro para nada e que por isso é que o pai chegava a casa cada vez mais tarde...

Então a avó explicou-lhe que há muitos tesouros mesmo, mesmo à nossa beira, só que nós é que não damos por eles...

— Às vezes — disse a avó —, quando te aborreces com alguém, ou quando alguém te magoa, mesmo sem querer, (como ontem o teu pai, por exemplo) não te apetece gritar, dizer palavras desagradáveis, sei lá, o que te vier à cabeça?

Maria sorriu e nem respondeu.

— Então, nessas alturas, vais buscar esta caixa, e deitas cá para dentro todas as palavras que te apetece dizer! Todas, todas, todas!

Palavras más **boas**
feias **bonitas**

curtas
compridas

difíceis **simpáticas**
fáceis

antipáticas

palavras que só tu conheces

palavras que nem tu conheces

palavras que nem existem em língua nenhuma

E vais ver como te sentes melhor e como tudo fica diferente à tua volta.

Maria pegou na caixa, com muito cuidado, como se um verdadeiro tesouro já estivesse lá dentro.

Mas a avó ainda não tinha contado tudo.
Porque não era só para isso que a caixa servia.

— Às vezes — disse a avó — também temos saudades de algumas palavras. Palavras que formam frases que não dizemos muito. Ou, quando as queremos dizer, até parece que nos ficam agarradas na garganta e não conseguem sair de lá. Por exemplo... «gosto muito de ti»... Quantas vezes queremos dizer esta frase e não dizemos?

Porque temos vergonha...

Porque temos medo que nos possam responder «estás tonta, ou quê?, mas o que é que te deu?»

E coisas assim.

Então abres a caixa e deitas também essas palavras lá para dentro. E ainda não é tudo. Se tiveres saudades de alguém ou de alguma coisa, também podes dizê-lo para dentro da caixa. Ela entende tudo!

Depois é preciso tapar a caixa muito bem, para que as palavras não fujam! E, quando um dia precisares delas, já sabes que elas estão aí, escondidas, à tua disposição. Na tua arca do tesouro.